

ANCORAGEM DE UMA POLÍTICA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS: HISTÓRIAS DAS NOVAS PROFISSÕES SOCIOEDUCATIVAS EM FORMAÇÃO

GASTON PINEAU

<https://orcid.org/0000-0002-0060-0669>

Université de Tours

RESUMO

Para que a aventura das histórias de vida em formação influencie as políticas de pesquisa em ciências humanas, o artigo apresenta três dispositivos franceses que visam trazer a público os caminhos das novas profissionalizações para formadores/educadores sociais, nas fronteiras de indivíduos e instituições: a primeira parte é um dispositivo de ancoragens documentais nos itinerários de leituras, de pesquisas e de práticas de professores-pesquisadores inovadores; a segunda é um outro tipo de apelo dirigido às autobiografias profissionais de instrutores adultos pioneiros e, finalmente, a terceira parte apresentará um uso pessoal de quatro portas para adentrar em si mesmo e tentar cultivar os tesouros ocultos da autoformação que toda a vida esconde.

Palavras-chave: Pesquisa-formação. Profissionalização. Histórias de vida nas fronteiras sócio-educativas. Autobiografia profissional. Itinerário de leitores.

RÉSUMÉ

POUR ANCRER UNE POLITIQUE DE RECHERCHE EN SCIENCES HUMAINES DANS LES HISTOIRES DE NOUVELLES PROFESSIONNALITÉS SOCIO-ÉDUCATIVES EN FORMATION

Pour que l'aventure des histoires de vie en formation influe sur les politiques de recherche en sciences humaines, l'article présente trois dispositifs français visant à mettre en culture publique les parcours de nouvelles professionnalisations de formateurs/ éducateurs sociaux, aux frontières des individus et des institutions : un dispositif d'ancrages documentaires dans des itinéraires de lectures, de recherches et de pratiques d'enseignants-chercheurs innovants; un autre d'appel à autobiographies professionnelles de formateurs d'adultes pionniers. Enfin la troisième partie présentera une utilisation personnelle

de quatre portes pour entrer chez soi et tenter de mettre en culture les trésors cachés d'autoformation que toute vie recèle.

Mots-clé: Recherche-formation. Professionnalisation. Histoire de vie frontières socio-éducatives. Autobiographie professionnelle. Itinéraire de lectures.

ABSTRACT

ANCHORAGE OF A RESEARCH POLICY IN HUMAN SCIENCES: STORIES OF THE NEW SOCIO-EDUCATIONAL PROFESSIONS IN FORMATION

In order for the adventure of life stories in formation influence research policies in human sciences, the article presents three French devices that aim to bring to the public the paths of new professionalizations for social preceptors/educators, on the borders of individuals and institutions: the first part is a device of documentary anchors in the itineraries of readings, research and practices of innovative teacher-researchers; the second is another type of appeal addressed to the professional autobiographies of pioneering adult instructors, and finally, the third part will present a personal use of four doors to enter into oneself and try to cultivate the hidden treasures of self-formation that all life hides.

Keywords: Research-training. Professionalization. Life stories on socio-educational borders. Professional autobiography. Readers itinerary.

RESUMEN

ANCLAJE DE UNA POLÍTICA DE INVESTIGACIÓN EN CIENCIAS HUMANAS: HISTORIAS DE LAS NUEVAS PROFESIONES SOCIOEDUCATIVAS EN FORMACIÓN

Para que la aventura de historias de vida en formación influya en las políticas de investigación en humanidades, el artículo presenta tres dispositivos franceses que tienen como objetivo llevar al público los caminos de nuevas profesionalizaciones para formadores/educadores sociales, en las fronteras de individuos e instituciones: el primero parte es un dispositivo de anclajes documentales en los itinerarios de lecturas, investigación y prácticas de profesores-investigadores innovadores; el segundo, es otro tipo de recurso dirigido a las autobiografías profesionales de formadores de adultos pioneros; finalmente, la tercera parte presentará un uso personal de cuatro puertas para entrar en uno mismo y tratar de cultivar los tesoros escondidos de la autoformación que contiene toda la vida.

Palabras clave: Investigación-capacitación. Profesionalización historias de vida en fronteras socioeducativas. Autobiografía profesional. Itinerario del lector.

Juntamente com as autobiografias midiáticas de intelectuais célebres e biografias produzidas por historiadores (DOSSE, 2003, 2018a, 2018b), as histórias de vida de intelectuais contemporâneos e educadores sociais se confrontam com a divisão sujeito/objeto do modelo positivista de uma ciência dura que se considera mais objetiva do que subjetiva e também se confronta com os valores mercantilistas de uma educação bancária e repressora.

Esse modelo duplo de uma ciência dura e de uma educação mercantilista condicionou amplamente a formação inicial dessas pessoas que se encontram na fronteira entre instituições e indivíduos, discursos e trajetórias. As práticas de balanço periódico, de portfólios, de reconhecimento de conhecimentos adquiridos, estão surgindo para ajudar essas pessoas a negociar e conduzir, por si mesmas, na idade adulta, seus cursos de vida, geralmente nos limites da subsistência econômica.

As várias crises ecológicas da atualidade, a aceleração do desenvolvimento profissional e as necessidades de transmissão intergeracional desses sujeitos portadores de humanidade parecem nos convidar para situar essas práticas emergentes em um movimento mais amplo de usos de dispositivos autobiográficos para ancorar, mais explicitamente, políticas de pesquisa-formação em ciências humanas nesses tesouros escondidos da humanidade. Daí o interesse histórico dessa edição da revista.

Para essa ancoragem do movimento (auto)biográfico nas histórias de vida de intelectuais “ordinários” e novos profissionais sociais, este artigo deseja apresentar, modestamente, três emergências do mundo francófono que trabalharam e ainda estão trabalhando nessa (r)evolução cultural necessária:

- um dispositivo da década de 1980 do Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica (INRP) para ancorar as *Perspectivas Documentais em Ciências da Educação*

nos itinerários de leitura, de pesquisa e de práticas de pesquisadores e professores (HASSENFORDER, 1992, 1993);

- uma pesquisa com as histórias de vida profissional de formadores de adultos, empreendida por Bernard Liétard (2014), no movimento do Grupo de Estudos pela História da Educação de Adultos (GEHFA);
- e, finalmente, no prolongamento desta pesquisa, uma história pessoal das diferentes entradas autobiográficas que, em momentos diferentes, me ajudaram a formar minha trajetória profissional como professor/pesquisador desde os anos 1976 até minha aposentadoria, em 2007, e até depois.

Ancorar a documentação nos itinerários de leitura, de pesquisa e de práticas (1983-2006)

Perspectivas documentais em educação foi um periódico do Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica (INRP), da França, de 1985 a 2006. O número 42 de 1997 presta homenagem ao seu fundador, Jean Hassenforder, que o via como suporte personalizado à pesquisa-comunicação coletiva, graças a uma metodologia autobiográfica original (PINEAU, 1997).

De fato, são solicitados aos professores inovadores, aos pesquisadores e às personalidades, itinerários de leitura, de pesquisa e de prática. O objetivo perseguido é identificar os saberes relevantes em educação a partir de suas condições de produção e de utilização.

Assim, muito concretamente, por essa expressão personalizada e essa difusão coletiva, instaura-se um novo circuito social de Produção, Difusão e Utilização (PDU) do conhecimento em educação. Esse circuito de P.D.U., como Havelock (1973) o chamaria, reflete o trabalho efetivo, em tempo quase real, dos atores

educacionais. Ele os faz comunicar, em um registro cognitivo transversal, as fronteiras profissionais e disciplinares. De um simples veículo de documentação informativa sobre as publicações mais recentes, o periódico se torna, assim, uma articulação heurística, permitindo que uma comunidade científica e profissional autorreflita e autoconduza seu desenvolvimento teórico-prático.

Essa abordagem começa com uma coleção de itinerários de leituras (1985) que marcou as diferentes etapas da reflexão e do desenvolvimento profissional. No ano seguinte, surgiram *Itinerários de pesquisadores* e, em 1987, *Caminhos dos profissionais*. Nos anos 1990, três livros reuniram os textos já publicados no periódico:

- *Pesquisadores em educação* (HASSENFORDER, 1990), apresentado em 365 páginas, trinta e três itinerários de pesquisas que são autobiografias profissionais, precedidos por uma breve informação bio e bibliográfica;
- *Rumo a uma nova cultura pedagógica: caminhos de profissionais* (HASSENFORDER, 1992) reúne vinte e oito histórias de vida profissional de professores do Ensino Médio. Segundo Pierre Dominicé, que escreve o prefácio, “[...] eles parecem mais em busca de contribuições teóricas que os ajudem a compreender sua situação profissional do que de diretrizes didáticas visando melhorar seu desempenho”;
- *Leitores e leituras em educação* (HASSENFORDER, 1993) é constituído por 25 itinerários de leitura de professores-pesquisadores. Chamei de *a minha Dialética de leitura em formação permanente*. Dialético, porque começa com ... uma parada de leitura durante cinco ou seis anos, de 19 a 25 anos.

Por mais alfabetizados que sejamos, discriminar na formação permanente o que é escrito do

que não é, estabelecer um vai e vem heurístico e produtivo entre os livros e a vida – o impresso, o expresso, o reprimido, o oprimido –, não é óbvio. Esse estabelecimento exige aprendizagens diferentes, frequentemente realizadas em momentos e situações bem definidas, antes de poder se articular dialeticamente: aprender a ler o livro, é claro, mas também – porque, é preciso lembrar, este último não dá a palavra chave para os outros – aprendizagem das realidades não postas no “preto no branco” (eu, os outros e as coisas). (PINEAU, 1993, p. 274)

E meu primeiro trabalho citado é *A estrutura das revoluções científicas*, de Kuhn (1972). Permite-me balizar minha rota de fuga ou de fuga de paradigmas perambulando por locais de pesquisa-formação (Paris, Nancy, Montreal, Tours etc.) catalisando leituras e escritos.

Essas novas *Perspectivas documentais na educação* de autobiografias intelectuais socializadas colocam problemas sem precedentes de escrita e leitura. Seu surgimento se relaciona com a aposentadoria de Jean Hassenforder. Mas a revolução multimidiática oferece novas vias interativas de produção, difusão e utilização de saberes da experiência a serem cultivadas para testar e estimular a relevância do conhecimento formal.

Essas novas perspectivas são ainda mais necessárias para profissões e situações emergentes onde há mais conhecimento para produzir do que para consumir. Emergência que a queda do muro da escola e que a globalização técnico-cultural dos problemas abre ao infinito.

Convite à autobiografia dos aposentados para explicitar e transmitir novos conhecimentos às profissões emergentes e/ou em (r)evolução

No mundo francófono, o ano 1 da formação continuada (1971) e os problemas levantados pelas aprendizagens inéditas, ao longo e em todos os

setores da vida, dificultam a reprodução idêntica de profissões de educação e de ensino.

De uma maneira extremamente biodiversa, está emergindo um movimento efervescente de novas profissões em pesquisa-formação: educadores sociais, mas também animadores, formadores de adultos, acompanhantes, orientadores, coordenadores de formação, responsáveis pelos recursos humanos etc. A primeira e a segunda geração dessas novas profissões emergentes estão começando a ... morrer ou se aposentar. Para que essas memórias vivas não desapareçam sem deixar rastro, se coloca com urgência a questão do seu legado profissional, da transmissão intergeracional de suas habilidades experienciais. Esta segunda parte deseja apresentar rapidamente um livro que faz um convite à abordagem (auto)biográfica para garantir essa passagem de testemunho com os coordenadores responsáveis pela formação de adultos, com itinerários profissionais muito diferentes: Ser formador. Identificar o essencial. Se profissionalizar (LIÉTARD, 2014).

Este livro se inscreve no movimento do Grupo de Estudos para a História da Educação de Adultos (GEHFA):

Ao arriscar um pouco mais nas dobras da história e concluir de outra maneira as entrevistas feitas pelo GEHFA de grandes figuras na educação de adultos, desenvolvemos o projeto de recolher, utilizando a abordagem biográfica, o itinerário dos profissionais na educação de adultos. (LIÉTARD, 2014, p. 7)

Com base nos *Pesquisadores em Educação* de Jean Hassenforder (1992), já apresentados, Liétard (2014, p. 8) explicita “[...] que essa abordagem biográfica se revela instrutiva em dois níveis: quanto a um melhor conhecimento dos entrevistados, mas também quanto ao conhecimento do desenvolvimento dos quadros institucionais e de concepções de pesquisa”. Para levar em conta a biodiversidade desses

profissionais e deixar sua expressão completamente aberta nesses dois níveis, pessoal e social, nenhuma instrução de redação foi dada a eles “[...] além da limitação a dez páginas, o que leva a escolher, sintetizar e focar em seu percurso profissional no campo da formação” (LIÉTARD, 2014, p. 12).

Seis profissionais da formação responderam à chamada: dois homens e quatro mulheres, com itinerários muito diferentes. Mas nenhum está situado em uma perspectiva carreirista:

Fazendo parte de sua ação no quadro das funções educativas que exerceram, eles não se limitam apenas a descrever como fizeram, mas a questionar continuamente o porquê. Eles também dão um lugar especial aos seus valores humanistas, que todos compartilham, o que os torna, além de suas diferenças, todos membros de uma mesma família. (LIÉTARD, 2014, p. 13)

Juntam-se a isso a definição de histórias de vida como “[...] pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 15).

Um primeiro capítulo, intitulado *Passagens das testemunhas*, apresenta as autobiografias dos seis percursos e uma proposta de análise-síntese ilustrada por referências ao nosso próprio itinerário (LIÉTARD, 2014, p. 101):

- Uma carreira como educador, animador de lazer, depois criador da Associação do Centro de Estudos e de Realizações para Educação Permanente (ACEREP) e da Ação de Desenvolvimento Local (CITADEL), de dispositivos de formação e inserção dos jovens (tutoria, trabalho-estudo, missões locais etc.);
- Uma carreira na rede de Câmaras de Comércio e Indústria (CCI) como diretor de centros de formação e especialização em certificação profissional;
- Outro, pelo contrário, em ações de formação de formadores nos domínios

literário e teatral, inicialmente como consultor em formação continuada para a Educação Nacional, depois destacado para o Center INFFO e co-fundador do Comitê Mundial de Aprendizagem ao Longo da Vida (CMA) da Unesco;

- Um outro como coordenador de formação na Associação para a Formação Profissional de Adultos (AFPA);
- Um quinto como psicóloga de formação que “[...] participa ativamente da experimentação das avaliações de competências pessoais e profissionais. Ativista da igualdade profissional no trabalho, para a qual considera que as práticas de orientação têm um papel estratégico a desempenhar, ingressou no início dos anos 2000 na Associação Retrabalho, da qual foi Delegada Geral” (LIÉTARD, 2014, p. 12);
- Um sexto, primeiramente como professora nos subúrbios parisienses, depois fundadora de um movimento nacional e internacional de Redes de Troca Recíproca de Conhecimento (RERS).

Este breve resumo de seis percursos autobiográficos pode pelo menos despertar a biodiversidade extremamente complexa do movimento de profissionalização da formação permanente, tanto no que diz respeito aos atores promissores, aos setores envolvidos, aos meios utilizados e aos objetivos almejados.

Por mais de 40 anos, apenas fomos capazes de orientar nosso itinerário de pesquisador/formador nesse movimento, vendo-o como a emergência de um novo paradigma antropoformador de pesquisa-ação-formação transdisciplinar (PINEAU, 2005).

A partir de seu itinerário, Bernard Liétard oferece uma análise transdisciplinar extremamente heurística, tanto no que diz respeito às categorias explicativas desses itinerários, no final deste primeiro capítulo, quanto às visões

que eles abrem sobre a profissionalização de formadores, no segundo.

Portanto, ele encerra este primeiro capítulo, destacando nos seis itinerários, doze fatores explicativos que lhe parecem importantes: a família, a escola, o ambiente geográfico e cultural, as atividades dos jovens (incluindo o Serviço Militar para homens), o lugar crucial das bifurcações, dos reencontros, das viagens, dos engajamentos militantes, lições das experiências vividas: fracassos como sucessos, o peso da contextualidade da ação e a encruzilhada de valores.

O segundo capítulo apresenta os *Olhares sobre a profissionalização dos formadores* abertos por esses itinerários. Primeiramente, o olhar sobre a formação. Como eles foram formados? Eles aprenderam sozinhos; eles aprenderam com os outros, mas também com o meio ambiente, pensando em sua experiência. A teoria da formação em dois tempos – experiencial/formal e três movimentos – auto, socio e ecoformativo – é usada para decodificar essas formações permanentes rapidamente reprimidas no informal e no não formal (PINEAU, 2004, p. 151-164).

Todos têm uma posição de ator: todos eles são agentes pró-ativos de mudança nas organizações; todos eles impulsionaram uma dinâmica de projeto em uma metodologia construtivista e desejante; todos fazem parte de um relacionamento de serviço; todos eles estão implicados no reconhecimento de profissões de formação.

Ousadamente, Liétard (2014, p. 136-160) decretou os dez mandamentos do formador de hoje:

1. Você será o homem que coordena múltiplas tarefas;
2. Você usará estratégias de resiliência;
3. Você adotará uma abordagem construtivista;
4. Você será preventivo e, sempre que possível, pró-ativo;

5. Você dominará e usará as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC);
6. Você demonstrará habilidades tridimensionais;
7. Você desenvolverá uma abordagem intercultural e que envolva parceria ;
8. Você se envolverá em questionamentos éticos;
9. Você pensará na sua experiência;
10. Você se formará ao longo da sua vida.

Como meio de autoformação para esse último “mandamento”, Liétard (2014) desenvolve, no terceiro e último capítulo, o portfólio.

O portfólio e algumas portas para entrar no interior de si mesmo e cultivar tesouros escondidos

Mais do que um currículo, o portfólio ou o portfólio de competências se desenvolve desde os anos 1980 como um “guardião da memória” dos traços de saberes e competências adquiridos no decorrer da vida, traços escritos, orais ou visuais que podem rapidamente se encaminhar de acordo com as necessidades pessoais ou sociais para o reconhecimento dessas aquisições (LAYEC, 2006).

Bernard Liétard é um dos primeiros que elaboraram esse instrumento que pode assumir várias formas. A partir de sua longa e preciosa experiência, ele primeiro fornece três critérios gerais de avaliação: “[...] o portfólio deve ser personalizado; ele deve testemunhar uma análise reflexiva; e deve ser coerente” (2014, p. 165-166).

Sua tessitura, portanto, não é tão óbvia. É por si só uma síntese da autobiografia educacional que pode ser usada de acordo com as necessidades pessoais e sociais de desenvolvimento. Uma das primeiras dificuldades é identificar por onde e por que começar. Em seu estilo simbólico muito revelador, Bernard (2014, p. 169-180) oferece uma opção de “[...] quatro

portas para entrar no interior de si mesmo e encontrar os tesouros lá escondidas” (p. 169-180):

- identificar experiências que geraram aprendizado: de momentos ou lugares privilegiados; situações de rupturas, bifurcações, espanto etc;
- identificar o que aprendi com essas experiências: saberes explícitos, conhecimentos informais que adquirimos ao longo da vida, conhecimento desconhecido etc;
- a partir de competências e valores...;
- a busca por evidências.

A apresentação dessas portas, no final de seu livro, não é uma simples conclusão teórica. É uma proposta de saída prática para prolongar o que o livro iniciou: a avaliação autobiográfica dos aposentados para explicitar e transmitir as aquisições inéditas da profissionalidade em construção. Para que os formadores não sejam, de acordo com o provérbio, os profissionais mais mal preparados, após os seis, ele lança seu apelo aos demais, desta vez na dinâmica da Associação Francesa de Reflexões e Intercâmbios sobre a Formação (AFREP), na seção sobre passagem de testemunhas.

Como somos velhos companheiros de viagem, ele me convidou fortemente para executá-lo. Um presente... que desencadeia um primeiro reflexo de retirada, evasão. Especialmente para alguém que construiu sua carreira profissional em grande parte com essa abordagem das histórias de vida para produzir sua vida e se autoformar (PINEAU; MARIE-MICHÈLE, 1983, 2012). Não, obrigado, é para os outros; já está feito para mim. Eu sou aposentado. Então, na minha idade, 77 anos!

Entrar em si mesmo, mesmo no fim, para formar e ser formado

Mas a proposta começa a funcionar em mim, na minha cabeça. Ela me convida a entrar em

mim, a entrar novamente na minha vida. Porque, é verdade, não é a primeira vez. Minha trajetória foi construída, como para todos, por feedbacks reflexivos periódicos, por “avaliações” mais ou menos conscientes, principalmente após 40 anos, após a primeira metade da vida. Essa é a idade em que a individuação começa, de acordo com Jung, e onde a autoformação ocorre, de acordo com Riverin-Simard, especialista em estágios da vida no trabalho (1984). Nós somos como pessoas pequeninas neste vasto mundo. Para não se perder e dirigir seu futuro, paradoxalmente, você deve refazer periodicamente seus passos para identificar as pedras deixadas no caminho e detectar com elas o sentido construído ao caminhar.

Para não me perder, fui obrigado, de tempos em tempos, como *Le Petit Poucet*¹, a refazer meus passos. O retorno não é sempre evidente, nem culturalmente, nem objetivamente. Esses passos se perdem, eles mesmos, rapidamente no passado e existem, assim, muitos sentidos! Qual escolher? Quais são significativos! Para quem? Para quê?

Felizmente, eu não estava sozinho neste caso. Conhecer outras pessoas em percursos semelhantes teceu valiosas relações interpessoais com companheiros muito heurísticos que construíram redes, grupos e associações de pesquisa-formação em interações. Foi o caso do desenvolvimento metodológico desses comentários reflexivos sobre os caminhos que surgiram na formação de adultos de diferentes formas: histórias de vida, reconhecimento de aprendizagens anteriores, avaliações, portfólios de competências etc.

Essa abordagem biográfica forjou meu acompanhamento com Bernard desde 1985. Eu também sou sensível à sua tipologia de “[...] portas para entrar em si mesmo e encontrar os tesouros que estão escondidos lá dentro” (LIÉ-TARD, 2014, p. 169-181). Eu pratiquei quase to-

dos eles, sem identificá-los com tanta precisão. E eles me dão uma chave para entender melhor, com esse retorno reflexivo, o surgimento dessas práticas de auto-orientação e seus vínculos entre elas.

É por meio de sua primeira porta, *para identificar experiências que geraram aprendizado*, que entrei, por volta dos 40 anos, para fazer esforços sistemáticos de autoformação, de reunir em conjunto e em sentido, mil peças espalhadas por minha vida passada. Foi na Universidade de Genebra, com a equipe de Pierre Dominicé, o primeiro companheiro que encontrei nessa abordagem. Foi em 1980, o ano em que Piaget morreu. Pude participar do concerto de despedida em sua homenagem. Esse encontro com Pierre explicitou a primeira condição metodológica para o uso de histórias de vida em formação: ter feito a própria. A minha consistiu em primeiro identificar os acontecimentos marcantes e tentar encontrar o fio condutor.

Foi por sua segunda porta, *identificar o que aprendi com essas experiências*, que surgiram experimentalmente os três movimentos da minha teoria tripolar da formação, por si, os outros e as coisas:

- Autoformação *versus* heteroformação, levando em consideração minhas experiências noturnas, socialmente reprimidas por uma educação formal (PINEAU, 2012b, p. 16-17)
- A ecoformação ou deformação causada pelas experiências ambientais que as crises atuais estão liberando a partir de um inconsciente ecológico abismal: experiência de uma corrente de ar revigorante em *De L'air! Essai d'écoformation*² (PINEAU, 1992, 2015, p. 257); “A vida como um rio” em *Les eaux écoformatrices*³ (BARBIER; PINEAU, 2001, p. 25-33); análise da minha trajetória espaço-tempo-

¹ Conto francês de tradição oral. (Nota da tradutora)

² De ar. Ensaio de ecoformação.

³ As águas ecoformadoras.

ral, “habitando a terra entre residências e mobilidade” em *Habiter la terre. Écoformation terrestre pour une conscience planétaire*⁴ (PINEAU; BACHELART, 2005, p. 217-240).

Da mesma forma, entrar pela terceira porta, *partindo de competências e valores*, foi precioso para mim. Em 1993, pude participar de uma estratégia de pesquisa muito original do NPRI, explicitando meu itinerário de leituras de pesquisadores: *Dialectique de lecture en formation permanente*⁵ (PINEAU, 1993).

Em 2003, uma edição especial de uma revista sobre os problemas de paz e de guerra permitiu-me explicitar *minha história de iniciação à paz entre violência e não-violência* (ABELS-EBER, 2010, p. 266- 269). Para um ancião convocado para a guerra na Argélia (1960-1962), essa não é apenas uma questão abstrata, ética ou intelectual. Não mais depois dos ataques mortais em Paris e Bruxelas em 2015-2016. Esses ataques centralizam a violência geralmente circunscrita nas fronteiras. A formação humana permanente não pode evitar o aprendizado vital de uma paz a ser construída nessas novas situações. Além das análises e injunções político-econômicas, essa tentativa de aprender uma arte da paz revela, pelo menos, tanto uma iniciação pessoal quanto uma didática social.

Pelo desenvolvimento de círculos de legados bio-cognitivos

Para uma visão geral dos meus anos profissionais até minha aposentadoria em 2007 e dos anos anteriores desde o meu nascimento em 1939, tenho o privilégio de poder me referir a uma co-biografia: *Gaston Pineau, trajet d'un forgeron de la formation. Regards croisés de compagnes et compagnons de route*⁶ (CHRIS-

TINE ABELS-EBER *et al.*, 2010). Para pontuar o final da minha vida profissional, esse colega e, contudo, muito grande amigo, tomou a iniciativa de coordenar um processo original de reflexão biográfica sobre minha vida entre 28 companheiros e companheiras de estrada e eu mesmo.

A primeira parte reúne as visões cruzadas de companheiros e companheiras de estrada em diferentes estágios da minha vida. Como prólogo, apresentação das grandes etapas por dois companheiros profissionais de sempre: Pierre Dominicé e Jean-Louis Le Grand. Depois, o SOC e os sulcos dos trilhos de trem⁷ de CUCES de Nancy, de Pierre Caspar e Guy Jobert. A ancoragem em Quebec do capítulo 2 é tratada por cinco quebequenses. As Ciências da Educação e a Formação em Tours (cap. 3) por quatro; as histórias de vida (cap. 4) por seis; as aberturas temporais e sociais (cap. 5) por três; e, finalmente, as gêneses brasileiras e portuguesas (cap. 6) por três também: Maria da Conceição Passeggi; Américo Sommerman e Maria do Loreto Paiva Couceiro.

A segunda parte apresenta entrevistas autobiográficas com Christine, de acordo com quatro grandes períodos: a entrada franco-quebequense na vida profissional (1965-1985); os anos da juventude: entre forja, vinha e engajamento (1939-1965); o período de Touraine (1985-2007); e finalmente passagem para a “*jubilación*” (2007...).

Sem concessões, Christine queria que eu concluísse – *La création forgeronne*⁸– reagindo ao que meus colegas haviam escrito. Duplo laço reflexivo altamente formativo, de refiguração pessoal de configurações sociais de experiências compartilhadas.

Além da minha participação, com a mani-

4 Habitar a terra. Ecoformação terrestre para uma consciência planetária.

5 Dialética de leitura em formação permanente.

6 Gaston Pineau, trajetória de um ferreiro da formação.

Olhares cruzados de viajantes e companheiros de viagem.

7 Em francês: “Le SOC et les sillons du CUCES de Nancy par Pierre Caspar et Guy Jobert. »

8 A criação do ferreiro.

festação de quase trinta co-autores, o livro contribui para a construção de parte da história de uma ou mais redes de pesquisa-ação da formação permanente. Nas transições paradigmáticas, as redes são meios poderosos de pesquisa-formação, conectando os sujeitos marginais além das divisões institucionais. Nesta pesquisa-formação em interações, a revista *Éducation Permanente*, criada em 1969, desempenhou e ainda desempenha hoje um papel catalisador da maior importância.

Pessoalmente e profissionalmente, eu gostaria que esse tratamento favorável de uma co-biografia profissional final se tornasse uma prática obrigatória no final da carreira, tanto para a integração pessoal de experiências vividas quanto para a transmissão social do conhecimento adquirido. A abordagem dos círculos legados profissionais desenvolvida por Diane Doyon e Jacques Limoges segue nessa direção⁹.

A formação permanente no final da vida?

Mas, depois da aposentadoria, o que acontece? E como o que se passa pode ser interessante para a profissionalização? Parece-me que as atividades de aposentadoria representam um importante capital experiencial para a construção da formação permanente. Se não queremos nos iludir com belas palavras, o que significa formação permanente no final da vida, quando a deformação biológica se instala pouco a pouco, reduzindo gradualmente as autonomias sociais, motoras, fisiológicas e psíquicas? Para os promotores da formação permanente, este é um grande desafio a ser explorado em particular a partir de suas práticas. Agradeço novamente a Bernard por me ajudar a revelar, levando-me a refletir sobre a experiência dos meus primeiros dez anos

de aposentadoria, a fim de tentar explicar as aprendizagens. Existe alguma? Quais?

Entrarei neste período pela sua quarta porta, talvez a mais difícil, já que é a da busca por evidências (LIÉTARD, 2014, p.179). Não devemos apenas identificar o que foi aprendido, mas fornecer as evidências de sua aquisição!

Mas, paradoxalmente, isso me ajuda a superar o constrangimento que podemos sentir ao nos colocar. Ousar se expor socialmente é um processo muito difícil de aprendizado de objetivação subjetiva, mesmo na aposentadoria! Apresentar-se a si mesmo como um outro implica conjugar movimentos opostos de centralização/descentralização, de conhecimento/reconhecimento sócio-pessoal. A busca por evidências desloca a si mesmo, abre um espaço de debates que pode colocar em diálogo e em perspectivas sociais.

Então, o que vou oferecer aos debates de reconhecimento recíproco das minhas produções, deste último período, são meus vestígios escritos, os livros, editados ou reeditados (cf. tabela 1). Afinal, eles são traços pessoais, mas também sociais, da produção da vida psíquica e intelectual. Eles provam, pelo menos, que não estamos mortos. Após a aposentadoria-morte social dos anos 70, e ao lado da aposentadoria-retirada ou lazer, ela não emergiria da aposentadoria produtiva, que estamos começando a chamar de solidariedade (GUILLEMARD, 2002)? Esses períodos de trabalho livre poderiam desenvolver laços sociais inéditos entre conquistas anteriores e novas atividades. Essas manifestações de solidariedade podem tornar a aposentadoria um momento de inovação privilegiada, tempo de autoformação existencial, mas também de socioformação do cidadão e mesmo de ecoformação planetária.

Sem cair no mito anestésico da idade de ouro, analistas objetivos com os determinantes sócio-estruturais, como Françoise Guille-mard (2002), são obrigados a constatar que as

⁹ Maiores informações disponíveis em: <http://www.cer-cledelegs.com/>

melhorias na saúde, de pensões, de comunicações eletrônicas alteram significativamente as condições de vida desse período. Essas mudanças estruturais não podem torná-lo um momento final precioso de auto-realização? Me lembra o título de um livro da coleção *histórias de vida e formação* que continua a me convidar a essa relação vital: *Construir sua vida...principalmente no final. L'aventure culturelle d'une sénior*¹⁰ (DIDI VAN DE WIELE, 2002). E o trabalho de Christian Heslon (2015) não contribui de forma poderosa para nos acompanhar, atualizando a problemática transformadora possível desse período final?

Dois produtos diferentes

Os dois primeiros livros de 2009 são produtos diferentes de pesquisa-formação da vida profissional anterior. Como para muitos outros, eu sou apenas um co-sinatário, às vezes até o segundo. O que justifica o número – treze com as reedições – e explica meu modo de coprodução com os outros. Obrigado a todos esses outros cujos nomes você encontra no início de cada livro. Sem eles eu não seria nada.

Esses dois primeiros são produtos-sínteses cujo tempo de edição estendido não é trivial. O *Alternatives socio-éducatives au Brésil*¹¹ vem da experiência exploratória do início dos anos 2000, de um estrado internacional em *Formação e Desenvolvimento Sustentável*. Uma verdadeira aventura em que a dificuldade de formalizar o conhecimento é proporcional à sua originalidade.

Como o título sugere, *Le biographique, la réflexivité et les temporalités. Articuler langues, cultures et formation*¹² tem objetivos amplos. É o resultado de um simpósio de 2007 com o mesmo título, com o objetivo de fazer um ba-

lanço, vinte anos após o de 1986, sobre histórias de vida. Encerro com uma comunicação que vejo como minha “última lição”: O “*alegre saber*” do amor à vida. Eu o termino anunciando meu futuro caminho de pesquisa-formação: a hieroformação. “Que os fogos do amor à vida possam nos energizar o suficiente para continuar a construir juntos o Alegre Saber de uma fraternidade universal.” (p. 184)

Abertura de um terreno intrigante

Paradoxalmente, em aparência com esse “alegre saber” de uma fraternidade universal a ser construída, o título do próximo livro é *Histoires de morts au cours de la vie*¹³ (2011). Levei muitos anos antes que eu pudesse enfrentar esse derradeiro teste biológico de frente. O evento disparador foi uma jornada de estudo organizada, em Nantes, em 2008, por Martine Lani-Bayle, sobre *histórias de vida para os desafios de situações extremas*. Mas a aproximação das mortes de entes queridos e a minha, bem como a liberdade de trabalho provocada pela aposentadoria, sem dúvida desempenharam um papel importante na ousadia de enfrentar dessa maneira o principal acontecimento do regime noturno da vida. Como ator-autor pioneiro do que ele chama de revolução copernicana na morte moderna, Edgar Morin nos deu um prefácio transcendente com sua história dos mortos-vivos.

Vou pular imediatamente para 2012 e 2014, para mencionar os outros dois livros dessa exploração incomum desse lado claro-oscuro da vida, mais sentido do que expresso culturalmente, entre outros no mundo da formação. Após as histórias de mortes que eu havia iniciado, Martine Lani-Bayle propôs ao trio editorial formado com Catherine Schmutz-Brun, da Universidade de Friburgo, *Les histoires de nuits*¹⁴. Ao longo da vida, elas

¹⁰ A aventura cultural de um idoso.

¹¹ Alternativas socioeducativas no Brasil.

¹² A biografia, a reflexividade e as temporalidades. Articular linguagens, culturas e formação.

¹³ Histórias de morte no curso da vida.

¹⁴ As histórias das noites.

são muito mais presentes do que as histórias de morte. As noites marcam significativamente a vida cotidiana e constituem pelo menos um terço da vida. Mas que histórias eles constroem? *Tirá-las da clandestinidade não lança nova luz sobre o entendimento dessa alternância que molda nossas vidas?* (4ª capa) Como tornar essa alternância na maioria das vezes justapositiva, inconsciente, ten-

do como base um ritmo existencial de formação? Em Paris, o livro foi lançado na noite de 10 de janeiro de 2013, com os companheiros da noite, em Moquette, Rue Gay Lussac. Noite inesquecível, onde especialistas e profissionais das noites sem dormir, os sem-teto, nos disseram claramente que seria necessário um segundo volume (GAUDRY-ROUILLÉ VÉRONIQUE, 2014).

Quadro 1: Produção de obras de G. Pineau durante o primeiro período de aposentadoria (2007-2019)

<p>2019 <i>Voyages, retraite et autoformation mondialogante</i>, Paris, L'Harmattan,. <i>Les histoires de vie</i>, Paris, PUF, 127p. (En coll. avec Jean-Louis Legrand, 6^{ème} rééd. depuis 1993);</p>
<p>2018 <i>Apprendre l'ère planétaire à partir de lieux singuliers. Tour de l'hémisphère nord inspiré du sud</i>, Montréal, Éditions Maletto (En coll. avec Michel Maletto et Américo Sommerman), 133 p.</p>
<p>2015 <i>Le feu vécu. Expériences de feux éco-transformateurs</i>, Paris, L'Harmattan (En coll. avec Galvani Pascal et Taleb Mohammed),. <i>De l'air ! Essai sur l'écoformation</i>, Paris, l'Harmattan (rééd. de 1992).</p>
<p>2014 <i>La vie avec les animaux. Quelle histoire ! Essai d'éco-zooformation</i>, Paris, L'Harmattan, (En coll. avec Schmutz-Brun Catherine et Lani-Bayle Martine).</p>
<p>2012 <i>Histoires de nuits au cours de la vie</i>, Paris, L'Harmattan, 352 p.(En coll. avec Lani-Bayle Martine et Schmutz-Brun Catherine). <i>Rendez-vous en Galilée. Journal de voyage à vélo Tours-Galilée</i>, Paris, L'Harmattan, <i>Produire sa vie : autoformation et autobiographie</i>, Paris,Téraèdre, (en coll. avec Marie -Michèle, réédition de 1983) <i>As hisrorias de vida (En coll. avec J.-L. Le Grand)</i>, Natal, Edufern (Universidade Federal do Rio Grande do Norte0 (Trad. Des Histoires de vie).</p>
<p>2011 <i>Histoires de morts au cours de la vie</i>. Paris, L'Harmattan,. (En coll. avec Lani_Bayle M. et Schmutz-Brun C.)</p>
<p>2009 <i>Alternatives socio-éducatives au Brésil. Expérience d'un master international</i>, Paris, l'Harmattan, 290 p. (en collaboration avec Bachelart, Couceiro, Gimonet et Puig). <i>Le biographique, la réflexivité et les temporalités. Articuler langues, cultures et formation</i>, Paris, L'Harmattan, (En collaboration avec Dominique Bachelart).</p>

Mas a biodiversidade das formações experienciais relegadas informalmente pelos pensadores “*in vitro*” é tal que cada um dos três trabalhos deste ternário só pode ser visto como o surgimento da consciência de mundos ainda desconhecidos. Depois da noite, Catherine propôs a *Vida com os animais. Que história!* (2014). O seu título *Essai d'éco-zooformation*¹⁵ teste de eco-zooformação da legenda aponta para a área de formação explorada: a do animal, da vida animal, que não pode ser reduzida a uma coisa, um objeto, uma máquina. “Combate próximo à morte, à noite, os animais iniciam co-nascimentos íntimos, por descontinuidade em situações anteriores. Essa descontinuidade inicialmente surpreende, transforma e até distorce as formas conhecidas. Começa a aprender entre incógnitas desconhecidas, onde muitas vezes nada pode ser dito, pois são singulares e não encontram palavras, nem interlocutores, para refletir e dizer”(4ª capa). Tesouros ocultos a serem cultivados na cultura de emergência, se o treinamento de profissionais quiser ir além da tela das palavras e realmente perceber o que o *slogan* da aprendizagem ao longo da vida e em todos os setores da vida significa para *Educar para a época planetária* (MORIN, MOTTA, CIURANA, 2003).

Conclusão de etapa de longa distância

Os dois livros de 2015 consistem no culminar de um programa de pesquisa sobre esses pólos de formação ambiental, impulsionado pelo paradigma disciplinar moderno dos últimos dois séculos. *De L'air. Essai d'écoformation*¹⁶ (2015) é a reedição do primeiro trabalho, em 1992, deste programa de pesquisa, em seguida realizado por um grupo de pesquisa sobre ecoformação: GREF. Em 2001, *Les eaux écofor-*

*matrices*¹⁷ apareceu (BARBIER; PINEAU *et al.*). Em 2005, *Habiter la terre. Écoformation terrestre pour une conscience planétaire*¹⁸ (PINEAU; BACHELART; COTTEREAU; MONEYRON *et al.*). O fogo permaneceu. Graças ao dinamismo de meus dois colegas, Pascal Galvani, da Universidade de Quebec, em Rimouski, e Mohammed Taleb, filósofo argelino, finalmente *Le feu vivant. Expériences de feux écotransformateurs*¹⁹ completou essa iniciação aos quatro elementos abertos, entre outros, por Gaston Bachelard. Aqui também, essa iniciação, como toda educação ambiental, permanece muito marginal no campo educacional dominante, entre outros de língua francesa. Mas o fato de ter começado em 1992, o ano da primeira Cúpula da Terra da ONU, no Rio, e que o primeiro fechamento ocorre em 2015 com a COP21, em Paris, mostra que, internacionalmente, não é talvez nem anacrônico nem incomum. *De l'air*²⁰ se beneficiou do encorajador prefácio de Gro Harlem Brundtland, Presidente da Primeira Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (1984-1987).

As bem-vindas reedições

As reedições de livros não são automáticas. Eles atestam que seu conteúdo ainda pode ser relevante, enquanto solicitam trabalhos para atualizá-lo. Estou particularmente satisfeito com a reedição de *Produire sa vie: autoformation et autobiographie*²¹ (2012). Esta reedição faz parte de uma dinâmica autobiográfica de longo prazo. Revela a importância de tempos longos para a refiguração da vida configurada por uma autobiografia. Escrever sua autobiografia é um teste de formação-aprendizado

17 As águas ecoformadoras.

18 Habitar a terra. Formação ecológica terrestre para uma consciência planetária (PINEAU; BACHELART; COTTEREAU; MONEYRON *et al.*)

19 O fogo vive. Experimentos de fogo ecotransformadores.

20 O ar.

21 Produzir sua vida: autoformação e autobiografia.

15 Ensaio de ecoformação

16 O Ar. Ensaio sobre ecoformação (2015)

para assimilar. Esta escrita inicia algo novo. O depois não é mais como antes. E a integração às vezes requer um longo período de transição. A autobiografia que constitui o coração pulsante da obra de 1983 é a de Marie-Michèle, a coautora. Após o esgotamento da primeira edição, ela não quis uma segunda. Ela estava exausta. Queria reservar um tempo para internalizar a exposição ao mundo resultante da publicação da expressão pensativa de sua vida. Foram necessários quase 30 anos e um evento desencadeador para o início de uma nova colaboração, levando a essa reedição.

A reedição de *Que sais-je sur les Histoires de vie*²² (2019) com Jean-Louis Le Grand faz parte de uma história muito menos original. Esta é a sexta. Atesta, assim como a tradução para o português (2012), que as histórias de vida não são mais uma ilusão e que estamos entrando em uma sociedade biográfica.

Viagens de bicicleta como iniciação a um ciclo-formação dialogando com o mundo

Resta um trabalho com o título incomum *Rendez-vous en Galilée. Voyage à vélo de Tours-Galilée*²³ (2012). Desta vez, eu assumo a responsabilidade exclusiva por isso. Esta viagem pontuou fortemente os dois primeiros anos da minha aposentadoria: 2007-2008. Seu objetivo era voltar atrás para ver melhor o que havia sido feito e o que faltava ser feito. Escrever e publicar este diário de viagem exigiu o dobro de tempo e esforços demorados, uma vez que o trabalho não poderia ser publicado até 2012.

Tentar situar e entender essa jornada e esta obra exige, na minha opinião, recordar a questão existencial da transição para a aposentadoria. Sem ênfase tragicômica, deve-se reconhecer, no entanto, que esta questão entre

integridade e desespero é tensa, para retomar rapidamente os termos do último estágio de desenvolvimento entre o eu e o mundo social, estudado por Erik H. Erikson (HOUDE, 1999, p. 51-93). A simplicidade de sua enunciação não deve ocultar a complexidade subjacente que oculta. O último remonta de forma mais ou menos diluída e trágica, dependendo das condições sociais e pessoais da passagem.

A ambivalência está no cerne da problemática da aposentadoria... O desapego costuma voltar como um desejo manifesto, mas não é fácil se permitir fazê-lo. Uma das principais questões ... é a inexistência de um status de substituição no nível social ... A entrada na aposentadoria incentiva uma mudança de registro: é a transição do social para o existencial... Trata-se, então, de ressignificar sua vida, de redefini-la, reinterpretá-la, renová-la para manter um sentido ou descobrir um novo transferindo-o para outras opções. (MERCIER, RHÉAUME, 2007, p. 269-270)

Ajustar as fontes de sentido parece ser um dos principais meios de capacitação e autoformação. "O sentido, a dimensão central da existência, desempenha um papel que é ao mesmo tempo integrador (proporcionando direção e coesão), mobilizador (despertando motivação e dinamismo) e gratificante (trazendo satisfação e auto-estima)" (MERCIER, RHÉAUME, 2007, p. 271). Diferentes modelos para ajustar as fontes de significado estão começando a emergir: por continuidade, ruptura, inversão ... Eu situaria essa viagem nesse ajuste de fontes de sentido por pesquisa experimental entre continuidade/ruptura/inversão. O objetivo é descobrir o que e como continuar rompendo, estimulando, inovando, revertendo ou revertendo.

Esta viagem gerou o horizonte distante de uma excursão mediterrânea da ciclofilia ecológica. Foi antes das atuais revoltas migratórias. Mas essas explosões tornam mais crucial a busca de novos meios pacíficos para tornar o Mediterrâneo uma matriz ecocultural de interformação e não uma mistura explosiva ou um

²² O que eu sei sobre as histórias de vida (2019).

²³ Vejo você na Galiléia. Viagem de bicicleta de Tours-Galiléia.

mar de mortes violentas. Com esse horizonte distante foram feitas quatro rotas de formação ecológica em bicicleta com amigos, além de um passeio pelo hemisfério norte com outros meios de transporte (avião, trem, carro), já que o tempo e as forças dos septuagenários eram limitados. Os dois últimos livros refletem isso: *Apprendre l'ère planétaire à partir de lieux singuliers. Tour de l'hémisphère nord inspiré du sud* (2018) e *Voyages, retraite et autoformation mondialogante*²⁴(2019).

Conclusão: cultivar os tesouros ocultos das histórias de vida dos trabalhadores do sentido

Cada vida, para viver, constrói um tesouro histórico íntimo que permanece em grande parte oculto dos outros e até de si mesmo. Esse tesouro da autoformação é ainda mais oculto, pois o curso desta vida está longe dos preços das ações e dos discursos dominantes. O horizonte democrático e multitópico, que abre o movimento da história da vida em formação, tem como objetivo ancorar na jornada de todos, o tempo todo e em qualquer lugar, a fim de abri-lo à expressão. Ninguém deve morrer sem ter feito sua história de vida para atualizar e transmitir o tesouro que sua vida construiu como pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais (PINEAU, LE GRAND, 2012a, p. 15). Também preciosas para mim parecem as portas para entrar em casa, indicadas por Bernard Liétard. Elas são simples, mas complexas. Porque elas se deparam com muros socioculturais seculares.

Agradeço a este número por fornecer um espaço internacional para a comunicação desses debates abertos com essas pessoas-fronteiras que são os novos profissionais da formação continuada. Eles mesmos estão em

²⁴ Aprenda a era planetária de lugares singulares. Tour do hemisfério norte inspirado no sul (2018) e viagens, aposentadoria e autoformação global (2019).

formação permante para não se tornarem novos funcionários da alfândega, mas contrabandistas de fronteira e até mesmo transgressores (PINEAU, 2014).

Gostaria também de aproveitar esta oportunidade para mencionar os setores sociais que contribuíram para a coleção *História de Vida e Formação* desde a sua criação em 1996. Ela atraiu quase 200 produções. Além do legado de histórias de infância, família e educação, especialmente, desde os anos 2000, surgiram histórias de vida profissional, saúde, interculturalidade, vida sócio-política, de vidas nas fronteiras do social e mais especificamente a busca de sentido. Um dos últimos trabalhos publicados pode ser visto como o legado sócio-profissional de um grande profissional francês em prevenção e trabalho social: Jean-François Gomez, *Le gai savoir des éducateurs. Éloge des transparents. Chroniques et récits*²⁵ (2019).

Referências

ABELS-EBER, Christine (org.). **Gaston Pineau**: trajet d'un forgeron de la formation. Regards croisés de compagnes et compagnons de route. Paris: L'Harmattan, 2010.

DOSSE, François. **La marche des idées**. Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Paris : La Découverte, 2003.

DOSSE, François. **La Saga des intellectuels français**. Tome I. À l'épreuve de l'histoire (1944-1968). Paris : Gallimard, 2018a.

DOSSE, François. **La Saga des intellectuels français**. Tome II. L'Avenir en miettes (1968-1989). Paris : Gallimard, 2018b.

GAUDRY-ROUILLÉ, Véronique. Une nuit à "La Moquette" dans Chemins de formation au fil du temps, 2004. **Chemins de traverse**, n. 18, p. 162-164, 2013.

HASSENFORDER, Jean (org.). **Chercheurs en éducation**. Paris : INRP/L'Harmattan, 1992.

²⁵ O amor do conhecimento dos educadores. Elogio às transparências. Crônicas e narrativas.

HASSENFORDER, Jean (org.). **Vers une nouvelle culture pédagogique**. Paris: INRP/L'Harmattan, 1992.

HASSENFORDER, Jean (org.). **Lecteurs et lectures en éducation**. Paris: INRP/L'Harmattan, 1993.

GUILLEMARD, Anne-Marie. De la retraite mort sociale à la retraite solidaire. **Gérontologie et société**, Paris, n. 102, p. 53-66, 2002. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-gerontologie-et-societe1-2002-3-page-53.htm> Acessado em: 15 set 2019.

GOMEZ, Jean-François. **Le gai savoir des éducateurs**. Éloge des transparents. Chroniques et récits. Paris: l'Harmattan, collection histoire de vie et formation, 2019.

HAVELOCK, Ronald G. **Planning for Innovation through Dissemination and Utilization of Knowledge**. Center for Research of Utilization of Scientific Knowledge, Michigan, University of Michigan, 1973.

HESLON, Christian. **Accompagner le grand âge**. Psycho-gérontologie pratique. Paris: Dunod, 2015.

LIÉTARD, Bernard. **Être formateur**. Identifier des incontournables. Se professionnaliser. Lyon: Chronique Sociale, 2014.

MERCIER, Lucie; RHÉAUME, Jacques. Au tournant de la retraite: explorer son histoire et définir un nouveau sens. In: MERCIER, L.; RHÉAUME, J. **Récits de vie et sociologie clinique**. Québec: Les Presses de l'Université Laval, p. 259-273, 2007.

MORIN, Edgar; MOTTA, Raul; CIURANA, Émilio-Roger. **Éduquer pour l'ère planétaire**. La pensée complexe comme Méthode d'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaines. Paris: Balland, 2003.

PINEAU, Gaston. Les volontaires d'ATD Quart Mon-

de: des passeurs et des casseurs de frontières. In: BRUN, Patrick et 12 membres actifs. À la rencontre des milieux de pauvreté. De la relation personnelle à l'action collective. Lyon, **Chronique Sociale**, 2014. p. 212-218.

PINEAU, Gaston; JEAN-LOUIS, Le Grand. **As historias de vida**. Natal: EDUFRN, 2012a.

PINEAU, Gaston; MARIE-Michèle. **Produire sa vie: autoformation et autobiographie**. Paris, Téraèdre, [1983] 2012b.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**. Rumo a novos sincronizadores. São Paulo: Triom, 2004.

PINEAU, Gaston. Emergencia de um paradigma antropofomador de pesquisa-ação-formação transdisciplinar. **Saude y sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 102-110, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902005000300006-&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 15 set. 2019.

PINEAU, Gaston. Experiencias de aprendizagem e historias de vida. In: CARRÉ, Ph.; CASPAR, P. (Dir.). **Tratado das ciencias e das tecnicas da formação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. p. 321-348.

PINEAU, Gaston. Vers un paradigme de communication des savoirs en éducation. Contribution de l'approche des histoires de vie professionnelles. **Perspectives documentaires en documentation**, n. 42, Hommage à Jean Hassenforder, p. 147-157, 1997.

PINEAU, Gaston. Dialectique de lecture en formation permanente. **Hassenforder**, p. 273-285, 1993.

Recebido em: 20.10.2019

Aprovado em: 30.03.2020

Gaston Pineau é Pesquisador Émerito da Universidade de Tours, França e do Centro de Pesquisa em Educação e Formação educativa relacionada ao Meio Ambiente e Eco-Cidadania, Universidade do Quebec-Montreal (Canadá). E-mail: gaston.pineau@univ-tours.fr